

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Timóteo Araújo Oliveira de Sales

**O DESVIO DA CONGREGAÇÃO DOS JUSTOS:
UMA ANÁLISE DO SALMO 1**

**São Paulo
2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Timóteo Araújo Oliveira de Sales

**O DESVIO DA CONGREGAÇÃO DOS JUSTOS:
UMA ANÁLISE DO SALMO 1**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Daniel Santos Jr.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S163d	<p>Sales, Timoteo Araujo Oliveira De.</p> <p>O desvio da congregação dos justos: uma análise do salmo 1 : [recurso eletrônico] / Timoteo Araujo Oliveira de Sales. 352 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Daniel Santos Junior. Referências Bibliográficas: f. 27-29.</p> <p>1. Salmo 1. 2. Sabedoria. 3. Bem-aventurado. 4. Congregação. 5. Desvio. I. Santos Junior, Daniel, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Timóteo Araújo Oliveira de Sales

**O DESVIO DA CONGREGAÇÃO DOS JUSTOS:
UMA ANÁLISE DO SALMO 1**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Daniel Santos Junior.

Aprovação: 25/11/2022

Orientador: Prof. Daniel Santos Junior

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **TIMÓTEO ARAÚJO OLIVEIRA DE SALES**

Programa: MAGISTER DIVINITATIS

Título do Trabalho: O desvio da congregação dos justos: uma análise do salmo 1

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

O DESVIO DA CONGREGAÇÃO DOS JUSTOS: UMA ANÁLISE DO SALMO 1

*Timóteo Araújo Oliveira de Sales**

RESUMO

O presente artigo traz um estudo exegético do salmo primeiro, buscando como ponto de partida entender a mensagem do autor a partir da defesa de uma tese de tradução da expressão “o caminho dos ímpios perecerá”. Assim, em um primeiro momento, faremos uma análise contextual do salmo, com a qual discutimos questões de autoria, localização no saltério e na Escritura, além da ligação do salmo com outros trechos da Escritura; depois, analisamos toda a estrutura e sentido do salmo, mas reservando o último versículo para uma análise mais acurada, já propondo e demonstrando uma estrutura quiasmática que engloba todo o salmo; e por fim, apontamos que a Congregação dos Justos, assim como o bem-aventurado, se desvia do caminho dos ímpios, e isso é demonstrado a partir da releitura do termo “perecerá”, que apesar de ser uma proposta válida de tradução, não nos parece ser a mais viável na análise do discurso, gramática e estrutura do salmo.

PALAVRAS-CHAVE

Salmo 1; Sabedoria; Bem-aventurado; Justo; Ímpio; Perecer; Desvio; Caminho; Congregação.

* Mestrando em Teologia (MDiv), com área de concentração em Estudos Bíblico-Hermenêuticos no Antigo Testamento, no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição. É pastor presbiteriano na Igreja Presbiteriana da Bahia.

ABSTRACT

This article presents an exegetical study of the first psalm, seeking as a starting point to understand the author's message from the defense of a translation thesis of the expression “the way of the wicked shall perish”. Thus, at first, we will make a contextual analysis of the psalm, with which we discuss issues of authorship, location in the psalter and in Scripture, in addition to the psalm's connection with other passages of Scripture; then, we analyze the entire structure and meaning of the psalm, but reserving the last verse for a more accurate analysis, already proposing and demonstrating a chiasmatic structure that encompasses the entire psalm; and finally, we point out that the Congregation of the Just, like the blessed, deviates from the path of the wicked, and this is demonstrated from the re-reading of the term “will perish”, which despite being a valid proposal of translation, does not seem to us to be the most viable in the analysis of the discourse, grammar and structure of the psalm.

KEYWORDS

Psalms 1; Wisdom; Blessed; Righteous; Ungodly; Perish; To dodge; Way; Congregation.

INTRODUÇÃO

Muitos trabalhos no Salmo primeiro empreendem esforços em apontar um tema, ou mais ainda, mostrar a importância, seus detalhes e conexões, por ser o salmo de abertura do Saltério. Em uma visão preliminar, o salmista fala centralmente sobre um contraste entre “os justos e os ímpios”, e, sim, ele desempenha uma função “estratégica” como o salmo de abertura.

Porém, além da análise das implicações da sua posição no saltério, da relação com outros textos canônicos, dos verbos importantes, da Torá, ou, ainda, do ímpio, algumas perguntas nos chamam bastante atenção na conclusão do salmo: Por que não é Yahweh o agente que faz perecer os ímpios? Por que o caminho perece, e não os ímpios? Por que a primeira opção de tradução para o verbo perecer não é usada pelos tradutores do texto hebraico?

Assim, o objetivo deste trabalho é, além de levantar e discutir os problemas exegéticos mais comumente discutidos por estudiosos do salmo, propor uma viável

solução para a conclusão deste salmo através de uma abordagem exegética, e assim trazer entendimento às perguntas supracitadas sugerindo uma opção à tradução comum, a fim de demonstrar que o salmo não trata do *perecimento do caminho dos ímpios*, mas que o verbo comumente traduzido por *perecer* é melhor traduzido por *desviar*, e este se refere à *congregação dos justos*.

1. ANÁLISE CONTEXTUAL DO SALMO

1.1 *Autoria e história*²

É difícil sabermos a real origem ou contexto histórico de vários salmos. Alguns até apontam o seu próprio contexto³, como a introdução à confissão de Davi no Salmo 32; mas o nosso salmo não faz o mesmo, além de não possuir elementos internos que ajudem nesta perspectiva.

Muitos empreendem uma tentativa de identificação do autor para entendimento do contexto histórico e do próprio uso deste salmo. E o fato do livro 1 (salmos 1 a 41) omitir a autoria davídica apenas em quatro salmos (1, 2, 10 e 33), mais a identificação do salmo 2 como de autoria davídica no livro de Atos⁴, faz com que alguns atribuam a Davi, como é o caso de Calvino⁵ e a Yalkut Shimoni⁶, esta citada por Apple⁷.

Há outros que tentam localizar o salmo em um período mais à frente, baseados na possível citação do salmo em Jeremias 17.5-8; algo que seria um uso aparente do salmo ou de uma figura em comum com o salmista: “a árvore frutífera e seu contraste”.

Por exemplo, Keil defende essa tese, dizendo que Jeremias tinha o costume de fazer o uso de salmos e que o texto de Jeremias seria uma paráfrase⁸. Wilson menciona

² O códice de Leningrado omite o número do salmo 1; algo que citamos, e é usado como argumento do salmo ser na verdade uma introdução ao Saltério e não um salmo em si; porém, a teoria carece de provas, e ainda assim não muda o entendimento de inspiração do salmo, já que a inspiração está mais ligada ao editor que compilou; talvez Esdras.

³ O Salmo 3 cita Davi fugindo de Absalão (2Sm 15); Salmo 18 fala do livramento de Davi das mãos de Saul (2Sm 22.1-51); Salmo 77 aborda a condução de Israel por Moisés e Arão no deserto durante a peregrinação até a terra prometida; dentre outros salmos.

⁴ Lucas narra no livro de Atos o reconhecimento de que Davi é o autor do salmo 2, mencionando diretamente a autoria (Atos 4.23-31).

⁵ CALVINO, J. Salmos. V.1. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: FIEL, 2012. pp. 44-45.

⁶ Compilação de interpretações antigas da Bíblia Hebraica.

⁷ APPLE, R. The happy man of Psalm 1. *Jewish Bible Quarterly*, [s. l.], v. 40, n. 3, p. 179–182, 2012.

⁸ KEIL, Carl Friedrich & Franz Delitzsch. 1996. *Commentary on the Old Testament*. Vol. 5. Peabody, MA: Hendrickson.

a similaridade, sem, contudo, entrar no debate de autoria⁹. Porém, quem vai mais longe é Spence-Jones¹⁰, por causa desta possível citação, ele situa o salmo no avivamento do período do rei Josias, quando o livro da Lei foi encontrado (2Cr 34.14-18).

Outro ponto importante, é que há o pensamento de que os dois primeiros salmos eram um único salmo, conforme Brownlee menciona¹¹; alguns dos argumentos são de que, no Texto Ocidental, Atos 13.33 menciona o salmo 2 como sendo o primeiro salmo, além de um paralelo de ideias entre os dois salmos¹². Porém, a sua defesa é a de que os salmos foram combinados propositalmente para cerimônias de coroação da época dos Macabeus, não sendo uma abertura proposital para o saltério, mas encaixada posteriormente.

Mesmo diante dessas tentativas, olhando para as figuras e palavras usadas pelo salmista, e até para a autoria majoritária de Davi no livro 1, entendemos não ser possível encontrar uma solução satisfatória para sua autoria e localização histórica que seja diferente da compilação do Saltério.

1.2 Composição e localização na estrutura do saltério

Falar da localização do salmo dentro do saltério acabará nos levanto a tocar mais uma vez na autoria. Por não ser consenso, a localização e editoria dos Salmos ainda são objetos de estudos, e há até quem discuta sua canonicidade¹³. Assim, resumimos que alguns atribuem a Esdras este trabalho de compilação e redação final, como menciona Calvino¹⁴; e apesar de não fixamos uma certeza, pensamos em Esdras como principal candidato.

⁹ WILSON, Gerald H. 2002. Psalms. Vol. 1. (The NIV Application Commentary). Grand Rapids, MI: Zondervan.

¹⁰ SPENCE-JONES, H. D. M. (org.). 1909. Psalms. Vol. 1. (The Pulpit Commentary). London; New York: Funk & Wagnalls Company.

¹¹ BROWNLEE, W. H. Psalms 1-2 as a coronation liturgy. *Biblica*, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 321–336, 1971.

¹² Segundo Brownlee as conexões possíveis são: (1) os dois salmos iniciam e terminam com “Bem-aventurado” [1.1, 2.12]; (2) o assento do Senhor nos céus, e o justo não assentando diante dos escarnecedores; o que ele considera um tanto coincidente [1.1, 2.4]; (3) enquanto os ímpios “meditam” coisas vãs, o justo “medita” na Torá [1.2, 2.1]; (4) os dois encerram com o verbo traduzido por “percer” relacionado ao “caminho”.

¹³ Bosma discorre sobre o fato de os salmos serem uma resposta humana diante de Deus e ao mesmo tempo ser palavra de Deus. Cf.: BOSMA, C. J. Discerning the voices in the Psalms: a discussion of two problems in psalmic interpretation Part 2. *Calvin Theological Journal*, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 127–170, 2009.

¹⁴ CALVINO, p. 41.

Ora, mesmo o editor ser incerto, podemos pincelar entendimentos sobre a ordem e detalhes explícitos e implícitos no texto. E começamos com a divisão do Saltério.

Os Salmos são divididos em cinco livros. O salmo primeiro é logicamente o salmo de abertura. De acordo com Boyce¹⁵ é difícil entender o porquê desta divisão dos livros. Harman sugere que a divisão em cinco livros seria uma “imitação” ao Pentateuco¹⁶, o que se mantém também tão incerto como a questão de autoria. O certo é que o salmo primeiro, sendo a abertura do livro 1 e do Saltério, é alvo de grande discussão acerca da sua posição. Há quem cogite que este salmo não seria um salmo propriamente dito, mas uma espécie de prólogo de abertura do Saltério.

Tuell comenta o fato do Códice de Leningrado não ter numeração para este salmo, o que poderia indicar esta composição específica para abertura dos salmos¹⁷, ao invés de constar como o primeiro salmo; porém, em todos os outros textos a numeração aparece, o que não colabora para esta perspectiva.

Ele ainda argumenta o fato do primeiro salmo do saltério não ser constituído de um louvor¹⁸, o que não nos parece razoável por pelo menos três razões: a *primeira*, é que não é prudente limitar os salmos como um compêndio de louvores a Deus; *segunda*, há mais gêneros nos salmos, como ações de graças, sabedoria (como o salmo em questão), lamento; e a *terceira*, há mais salmos de lamentos do que de louvor, o que poderia provocar a mesma questão na direção de *lamentos* e não do *louvor*.

Falando diretamente sobre o contexto literário do salmo primeiro, ressaltamos que ele é visto por muitos estudiosos como pertencendo a uma unidade temática com o salmo 2¹⁹; sendo, nessa perspectiva, ambos uma “introdução” ao saltério. Carlson argumenta, por exemplo, que esses dois salmos apresentam o estereótipo de Israel, pois abordam introdutoriamente a Torá (Sl 1), o “Rei-Messias” e “Yahweh de Sião” (Sl 2)²⁰.

Tuell, por exemplo, confirma parcialmente a ideia de Carlson e aponta para os salmos (1 e 2) como introdutórios, e que tem a temática respectiva de Lei e Realeza²¹.

¹⁵ BOYCE, James M. *Psalms: an expositional commentary*. Vol. 1. Grand Rapids, MI: Baker, 1994. p. 355.

¹⁶ HARMAN, A. *Salmos*. São Paulo: 2011, Editora Cultura Cristã. p. 23.

¹⁷ TUELL, S. S. *Psalm 1. Interpretation*, [s. l.], v. 63, n. 3, p. 278–280, 2009.

¹⁸ *Ibid*, pp. 278–280.

¹⁹ Brownlee, Carlson, Cole, Harman, Whiting, Willgren e outros.

²⁰ CARLSON, A. *Psaltarens prolog i Ps 1-2. Svensk exegetisk årsbok*, [s. l.], v. 65, p. 115–121, 2000.

²¹ TUELL, pp. 278–280.

Já Brownlee²² faz um trabalho mais específico e mostra a ligação do salmo 1 com o salmo 2 através de pelo menos quatro relações importantes²³.

De fato, há pelo menos sete ligações literárias entre os dois salmos que precisam ser ressaltadas: (1) as bem-aventuranças²⁴ fazendo uma espécie de abertura e fechamento para esta “dupla” de salmos (1.1 e 2.12); (2) o assento dos escarnecedores e os que murmuram coisas vãs (1.1 e 2.1); (3) a ligação entre a zombaria dos ímpios e a divina (1.2 e 2.4); (4) o dispersar e despedaçar dos ímpios (1.4 e 2.9); (5) o justo meditar na lei e o ímpio meditar na vaidade (1.2 e 2.1); (6) a questão entre “perecer” e “caminho” (1.6 e 2.12); (7) além da própria autoria omitida para os dois primeiros salmos. Por isso, entendemos que a ligação literária dos dois primeiros salmos é clara e estes elementos direcionam para o caráter proposital da organização do saltério e da posição destes em sua abertura.

1.3 Do Éden ao Saltério

O salmo primeiro traz consigo algumas figuras que certamente apontam para a centralidade da lei, e que remontam episódios marcantes na Escritura. O primeiro deles é o Éden, quando Moisés narra Deus plantando um jardim, e fazendo brotar a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, no meio do jardim; tendo um rio que saía do jardim e se dividia (Gn 2.8-10); similarmente, o salmista fala de árvore plantada, correntes de águas, e a prosperidade de estar centrado nesta fonte; em ambos os casos a lei de Deus tem centralidade no relato. A ideia templal do jardim do Éden, somada com as figuras de salmistas em que o justo é plantado e floresce no templo²⁵ (local de onde Deus julgava, onde era guardada a lei), parece fazer uma conexão da ideia de o justo estar arraigado na lei e frutificar.

O salmista desenvolve a parte central desta árvore com o embasamento em outro trecho da Escritura bastante conhecido do israelita, a instrução registrada no livro de Josué:

²² BROWNLEE, pp. 321–336.

²³ Ele argumenta a ligação entre vocabulários pertencentes aos versículos seguintes: Salmo 1.1 com o Salmo 2.12; Salmo 1.1 com Salmo 2.4; Salmo 1.2 com Salmo 2.1; e o Salmo 1.6 com Salmo 2.12.

²⁴ Apple cita a Yalkut Shimoni, que comenta o fato de o salmo ter sido escrito por Davi, e iniciar com uma ligação ao modo como Moisés encerra a Torá: “Bem-aventurado és tu, ó Israel” (Dt 33.29).

²⁵ O salmo 92 traz esta figura de forma vívida: “Plantados na Casa do Senhor, florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor, para anunciar que o Senhor é reto. Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça” (Sl 92.13-15).

Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. Josué 1:8

Nesta caminhada do povo até à Terra Prometida, Josué recebe a Palavra de Yahweh ordenando que se fale e medite dia e noite no livro da Lei, com a promessa de prosperidade. Da mesma forma, já na terra prometida, mas caminhando para o exílio babilônico, Jeremias aborda algo muito similar à figura da árvore junto às águas, apesar de haver quem não concorde com qualquer ligação²⁶:

Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR! Porque será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável. Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto. Jeremias 17:5-8

Estas expressões são repetidas pelo salmista na abertura do saltério, e as expressões do salmo são ecoadas em outros salmos, desde o prazer na Lei (Sl 19.7-10), o estar plantado na casa de Deus (Sl 52.8, 92.13-15), passando pelo desejo de que os ímpios sejam impelidos pelo Anjo de Yahweh como palha ao vento (Sl 35.5).

2. OS JUSTOS E OS ÍMPIOS

O salmo traz na sua parte central um contraste entre os justos e os ímpios, que é evidenciado não só pela descrição das figuras, mas pela formação do quiasmo, que será ressaltado no decorrer do presente trabalho.

²⁶ CREACH, J. F. D. Like a Tree Planted by the Temple Stream: The Portrait of the Righteous in Psalm 1:3. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 34–46, 1999.

2.1 Texto e tradução

2.1.1 Texto da BHS

A	1 אֲשֶׁר־יֵהְיֶה אִישׁ אֲשֶׁר לֹא הָלַךְ בְּעֵצַת אֱלֹהִים רְשָׁעִים
B	וּבְדִרְבּוֹת בָּטָאִים לֹא עָמַד
C	וּבְמוֹשָׁב לְצִדִּים לֹא יָשָׁב:
D	2 כִּי אִם בְּתוֹרַת יְהוָה חָפְצוֹ וּבְתוֹרַתוֹ יִהְיֶה יוֹמָם וּלְיָלָה:
E	3 וְהָיָה כְּעֵץ שֶׁתּוֹלַע עַל-פְּלִגֵּי מַיִם אֲשֶׁר־אֵין פְּרִיּוֹ יִתֵּן בְּעָתוֹ וְעָלְהוּ לֹא-יִבּוֹל בְּכָל אֲשֶׁר-יַעֲשֶׂה יִצְלִיחַ:
E'	4 לֹא-כֵן הֲרֹשָׁעִים אֲ כִי אִם-כַּמֶּץ אֲשֶׁר-תִּדְּפֶנּוּ רוּחַ:
D'	5 עַל-כֵּן לֹא-יִקְמוּ רְשָׁעִים בְּמִשְׁפָּט
C'	וְחַטָּאִים בְּעֵדוּת צְדִיקִים:
B'	6 כִּי-יִוָּדַע יִהְיֶה דְרֹךְ צְדִיקִים
A'	וְדֶרֶךְ רְשָׁעִים תֵּאבֵד:

2.2.2 Tradução pessoal

A	1 Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios
B	e no caminho dos pecadores não permanece
C	e no assento dos escarnecedores não se assenta.
D	2 Porém, na lei de Yahweh, está o seu prazer; e na sua lei: ele medita, dia e noite.
E	3 Ele é como árvore plantada sobre as correntes de águas; que o seu fruto, ele dá no seu tempo e a sua folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz prosperará
E'	4 Não são assim os ímpios, mas são como a palha que dispersa o vento.
D'	5 Por isso, não se levantarão os ímpios no julgamento
C'	nem os pecadores [se levantarão] na assembleia dos justos.
B'	6 Pois Yahweh conhece o caminho dos justos
A'	e do caminho dos ímpios ela se desviará.

2.1.2 Um Quiasmo?

Apesar de propor um quiasmo, entendemos que o salmo permite uma visão de paralelismo. Wiersbe, por exemplo, divide o salmo em duas partes, pensando em um paralelismo; ele intitula “A pessoa que Deus abençoa” (vv.1-3), “A pessoa que Deus julga” (vv. 4-6)²⁷. Caminhando para nossa proposta de divisões, olhamos para a ideia de Craigie, que também entende o salmo como um quiasmo limitado entre os versículos 1-5; mas, mesmo assim, ele faz as seguintes divisões: “A base sólida dos justos” (vv.1-3); “A impermanência dos ímpios” (vv. 4-5); “Contraste entre justo e ímpio” (v.6)²⁸.

Por entender que o versículo 6 pode ser traduzido de outra forma, diferente de Craigie²⁹, propomos um quiasmo que abrange todo o salmo; mas antes de discorrê-lo, observamos as divisões que direcionarão sobretudo um sermão, entendendo serem três: “O proceder do justo entre os ímpios” (vv.1-2); “A diferença entre o justo e os ímpios” (vv.3-4); e “O fim dos ímpios e dos justos” (vv.5-6).

A primeira, “O proceder do justo entre os ímpios” (vv.1-2), entendemos ter estas divisões por quatro motivos: (1) sobre o sujeito “o homem” (v.1), ele percorre sendo sujeito até o versículo 3, logo, justificar uma divisão que percorra os três primeiros versículos é de certa forma viável; (2) mas há um elemento que consideramos uma “dobradiça”, a conjunção “וְיָ” (v.2), que faz o papel de contraponto, seguindo no mesmo sujeito, que, somado com a conjunção, nos faz entender que a ideia está sendo ainda trabalhada; (3) os verbos indicam ações do “homem bem-aventurado”, como um movimento de desvio dos ímpios em direção à Lei de Deus; (4) o fim desta divisão é nos indicado por dois argumentos da segunda divisão, que é a pausa de verbos diretos sobre a realidade do proceder do homem (andar, permanecer, assentar, ter [implícito], meditar), para o uso de uma figura para ilustrar como é o homem (וְיָ, v.3).

A segunda, “A diferença entre o justo e os ímpios” (vv.3-4). Ela é destacada por quatro razões: (1) pela figura que traz o contraste do ser justo e ser ímpio, apontando para a essência de forma figurada, como árvore em ribeiros e folhas secas

²⁷ WIERSBE, Warren W. 1993. *Wiersbe's Expository Outlines on the Old Testament*. Wheaton, IL: Victor Books.

²⁸ CRAIGIE, Peter C. 1983. *Psalms 1-50*. Vol. 19. (Word Biblical Commentary). Dallas: Word, Incorporated.

²⁹ Ibid.

respectivamente; (2) o verbo (הִיָּדָן, v.3) aponta para não mais atitudes diretas, mas para o “ser” justo e “ser” ímpio; (3) no caso dos ímpios, o verbo é implícito (v.4), mostrando a ligação com o verso anterior (v.3); (4) esta ligação é reforçada pela conjunção (וְלֹא, v.4), que aponta para o verso anterior, indicando o verbo implícito já citado.

E a terceira, “O fim dos ímpios e dos justos” (vv.5-6). Nesta, percebemos três detalhes: (1) a conjunção (וְעַל־כֵּן, v.5) faz uma marca de divisão; (2) a mudança do sujeito “o homem” para um tratamento no plural “justos”, o que nos traz um movimento de uma figura solitária do homem piedoso, mas que no fim ele não está só, pois está em congregação, com os justos; (3) Há uma conjunção (וְ) que gera duas subordinações (B’ e A’), fazendo a ligação do v.6 com o C’, provando a unidade temática.

Entrelaçado com esta estrutura, podemos observar a estrutura proposta para o Quiasmo:

A – O **bem-aventurado** não anda no *conselho dos ímpios*
A’ – A **assembleia** dos justos se desvia do *caminho dos ímpios*

A primeira linha (A), fala sobre o homem, no singular, não andando no “conselho dos ímpios”; a última linha (A’), já usando a figura coletiva do justo (Assembleia dos justos - C’), mostra eles também se desviando como aqui, do caminho dos ímpios (A’).

B – O **bem-aventurado** não permanece no *caminho dos pecadores*
B’ – Pois **Yahweh** conhece o *caminho dos justos*

O autor faz um contraste sobre como os dois caminhos são tratados, pelo justo (B) e por Yahweh (B’); enquanto o bem-aventurado não permanece no caminho de pecadores, Yahweh se relaciona, tem prazer no caminho dos justos.

C – [o **bem-aventurado**] não se assenta no *assento dos escarnecedores*
C’ – **os pecadores** não [se levantarão] na *assembleia dos justos*

A expressão correlata C’ fala dos pecadores “não se levantando na assembleia dos justos” (v.5); o verbo levantar é implícito de D’. Enquanto o homem bem-

aventurado não se assenta, os pecadores não se levantarão, isso, frente ao contraste entre o “assento dos escarnecedores” e a “assembleia dos justos”.

D – O bem-aventurado tem prazer e medita dia e noite na Torá

D’ – Os ímpios não se levantarão no julgamento

E é também com o contraste, mas agora com o aspecto quiasmático, que falamos sobre o fim da primeira parte (O proceder do justo entre os ímpios). Enquanto o homem bem-aventurado tem prazer e fala a Lei, o ímpio permanece calado, e jamais poderá se levantar diante do julgamento, que tem por base a Lei (v.5).

E – [o bem-aventurado] é como árvore plantada sobre as correntes de águas; dá fruto

no tempo certo, não murcha, e prospera

E’ – os ímpios são como a palha que o vento dispersa

É importante destacar que o salmista omite a questão de fruto e prosperidade do ímpio neste ponto do contraste. Pois ele não compara o ímpio com uma árvore, mesmo que seca ou em local sem água, ele compara com palha lançada pelo vento; tornando impossível a questão do fruto, sendo por si mesma murcha, sem possibilidade de qualquer benefício.

2.2 Uma análise do salmo

2.2.1 O Bem-aventurado

O salmo inicia com o termo bem-aventurado (אַשְׁרַי), uma expressão plural³⁰ que ocorre primeiro na Escritura em Deuteronômio, e é a última fala antes do relato da morte de Moisés, o que faz com que se chegue a cogitar³¹ que o uso na abertura do Saltério era uma tentativa de ligá-lo à Torá, como uma espécie de continuação³². Seu

³⁰ Segundo Van Groningen, o termo hebraico *aser* derivado do verbo *asar* (andar retamente) encontra-se apenas na forma construta plural (‘asrey) e tem um sentido duplo, felicidade e bem-aventurança. Cf.: GRONINGEN, Gerard Van. Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador. Volume 3. Cultura Cristã: São Paulo, 2008. p. 202.

³¹ Apple cita a questão da Yalkut Shimoni, citando a relação com Dt 33.29.

³² Esta é uma ideia que carece de mais pesquisa, mas que somada com a ligação com Josué 1.8, que vem imediatamente após Deuteronômio, numa ênfase à Torá, parece ter algum sentido, até porque cremos na inspiração, e o editor sabia da ligação do saltério como Escritura; daí a possibilidade da intenção sobre a conexão com o Pentateuco.

significado além de “bem-aventurado” é o de verdadeiramente feliz, abençoado³³, e geralmente ocorre na posição de ênfase, iniciando uma oração.

A construção do salmista em traçar um homem no singular como bem-aventurado, levanta uma questão se a referência é a alguém específico como modelo. No livro 1 dos salmos esta expressão ocorre comumente ligada à Davi como o homem bem-aventurado (Sl 32.1, 32.2, 34.8, 40.4, 41.1). Agostinho tenta associar a Cristo como este homem³⁴; talvez pela singularidade, ou ainda pela expressão verbal no perfeito do que “não andou”, “não se deteve” e “não se assentou”; o tempo perfeito dos três verbos não parece indicar falta de pecados no homem bem-aventurado, mas maturidade espiritual.

Porém, entendemos que mesmo que fosse Davi, a referência é a um homem específico como “modelo de maturidade espiritual”; e a aplicação desejada não se limitava a uma pessoa por pelo menos duas razões: a primeira, há uma crescente no texto no que diz respeito ao justo, que é posto no singular, e na finalização do salmo é visto em Congregação; a segunda, mesmo das vezes em que Davi relacionava o homem bem-aventurado a si, ele não o fazia de modo exclusivista, mas exemplar³⁵.

2.2.2 *Um triplo “não”!*

A partir daqui o salmista faz o uso retórico enfático de um triplo “אֵלֵךְ” (não), que lembra de alguma forma as dez palavras (Ex. 20.1-17), mas que também parece fazer referência ao livro de Josué (Js 1.7-8), no qual percebemos ao menos duas similaridades marcantes: (1) a ordem negativa sobre desviar-se do caminho da lei (Js 1.7), algo que é visto no “bem-aventurado” do nosso salmo (ele não se desvia do caminho da lei, mas faz isso se desviando do caminho dos ímpios); (2) os dois textos falam da prosperidade que há para aquele que medita na lei de dia e de noite (Js 1.8).

³³ BROWN, M. L. (2011). אֵלֵךְ. In W. A. VanGemeren (Org.), *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (1ª edição, Vol. 1, p. 555). Editora Cultura Cristã.

³⁴ AUGUSTINE of Hippo. 1888. Expositions on the Book of Psalms. In Philip Schaff (org.), trans. A. Cleveland Coxe, Saint Augustin: Expositions on the Book of Psalms, vol. 8, 1–2. (A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series). New York: Christian Literature Company.

³⁵ O salmo 127.2 tem uma expressão desta ideia, quando Salomão no plural fala da “inutilidade [vossa] em levantar de madrugada”, mas concluí que “ao seu amado ele o dá enquanto dorme”, e isso no singular, talvez se referindo a ele mesmo, mas conforme o contexto, não como o único que recebe assim, mas como o exemplo-prova do cuidado de Deus.

Esta primeira parte do salmo, além do “triplo não”, também chama atenção para o início desta cadência tripla de “predicados” para as ações que o homem bem-aventurado evita. Pois ele usa o recurso de não repetir os verbos, nem seus complementos, mas faz uma cadeia paralela de ações: “andar”, “permanecer” e “assentar”; e continua qualificando de maneira distinta todas elas: “conselho dos ímpios”, “caminho dos pecadores”, “assento dos escarnecedores”. A ideia talvez seja a de explicitar a abrangência do pecado.

A primeira dessas três, “não andar no conselho dos ímpios”, traz também consigo três detalhes importantes: o primeiro, é sobre o verbo andar (הלך), que majoritariamente é usado na Escritura no gênero narrativo³⁶, e apesar de ser referência ao movimento de andar, é muito usado para significar a ideia de “viver”. O segundo detalhe é o termo para conselho (חָסֶד), que tem a ideia de desígnio, propósito³⁷.

É interessante notar que ao falar de conselho, trazemos ideia de “um direcionamento”, mas quando falamos de algo direcionado pelos ímpios (conselho dos ímpios), falamos de coletividade, o que nos parece surgir uma questão acerca de uma Congregação de Ímpios, que se assenta, escarnece e trilha caminhos tortuosos; esse entendimento parece ter sido seguido pelos tradutores na Septuaginta dos Salmos, pois eles usaram o mesmo substantivo (βουλῆ) nos versos 1 e 6, para se referir à Congregação dos Ímpios e a Congregação dos Justos, respectivamente.

O terceiro, tem relação com os ímpios. Assim, sobre os ímpios, apesar de ser um tanto lógico, por se tratar daqueles que não são povo de Deus, observamos uma ligação com o salmo 2, já discutida no tópico 1.2. Entendemos que os ímpios são relacionados com gentios, povos, reis e juízes mencionados no salmo 2, como menciona Cole³⁸; ligado a essa ideia, temos o fato do saltério ser apontado pra Israel como o povo justo, como congregação dos justos, sendo a consequência natural, pensar nos gentios como ímpios.

³⁶ Os livros bíblicos que mais usam este verbo (andar) são 1º Samuel (137x), 1º Reis(122x) e Gênesis (121x). É interessante que o livro do profeta Jeremias é o quarto livro que mais utiliza este verbo (118x). O livro dos salmos não figura entre os primeiros, mas tem uma grande ocorrência (67x), considerando que não é do gênero da narrativa.

³⁷ WHITAKER, R., BROWN, F., DRIVER, S. R. (Samuel R., & Briggs, C. A. (Charles A. (1906). In *The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament: from A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament by Francis Brown, S.R. Driver and Charles Briggs, based on the lexicon of Wilhelm Gesenius.* Houghton, Mifflin and Company.

³⁸ COLE, R. L. An integrated reading of Psalms 1 and 2. *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 75–88, 2002.

Depois de falar em “andar”, o salmista fala agora sobre caminho, trazendo uma ênfase, pois a ordem VSO (Verbo-Sujeito-Objeto) é invertida. Assim como o verbo “andar” pode ter relação com o “viver”, como em nosso salmo, “caminho” na Escritura não se refere somente a uma estrada geográfica; e sendo um salmo de sabedoria, o autor traz esta figura de “caminhos” como “formas de viver”, assim como o autor aos provérbios fala de “caminhos de morte” (Pv 14.12, 16.25).

A expressão “andar no conselho dos ímpios” (A) e “permanecer no caminho dos pecadores” (B) pode parecer invertida; pois quem anda, geralmente anda em um caminho, e é nesta direção que encontramos estas palavras invertidas na variante Peshitta (versão em siríaco)³⁹; porém já argumentamos sobre “não andar no conselho dos ímpios”, e entendemos também que o salmista traz a expressão de “não permanência do homem bem-aventurado no caminho dos pecadores”, conforme a BHS.

Em nosso salmo, o termo para “escarnecedores” ou “zombadores” (עִצְּוֹן) é um exemplo do uso da linguagem de sabedoria, pois está ligado à esta literatura⁴⁰. Bullough, por exemplo, aponta uma relação a partir desta primeira sequência do salmo (v.1) com o texto de provérbios 2.20-22, em que Salomão fala de “andar no caminho dos bons”, “guardar a vereda dos justos”⁴¹.

Na linguagem do salmista, há ainda uma ênfase dupla na questão do “assento” (מְשֹׁבֵט): a primeira é a ordem da oração, em que, sendo o objeto, o assento toma prioridade e vem antes do verbo; a segunda, está no jogo de palavras, que as traduções normalmente perdem, pois geralmente traduzem por “roda”; o verbo “assentar” (שָׁבַט) tem a mesma raiz de “assento”, e por isso a nossa opção de tradução pessoal permanece com o jogo de palavras, mesmo que aparente uma redundância em nossa língua: “e no assento dos escarnecedores não se assenta”.

A expressão é clara no ensino e se refere ao comodismo, passividade, ou até a adesão àquilo que é dito e vivido pelos ímpios; este princípio lembra o que Paulo fala

³⁹ No versículo 1, a Peshitta inverte “conselho” e “caminho”; algo que não traz muitas questões, nem mesmo para o Quiasmo que propomos, a não ser a possível tentativa de harmonizar o significado do “deter no caminho”, invertendo para “andar no caminho”, o que faria sentido, mas não foi intencionado pelo autor.

⁴⁰ Este termo é amplamente usado em Provérbios (Pv 1.22; 3.34; 9.7,8; 13.1; 14.6; 15.12; 19.25, 29; 20.1; 21.11,24; 22.10; 24.9), as únicas duas expressões fora do livro de provérbios é em Is 29.20 e Sl 1.1.

⁴¹ BULLOUGH, S. Question of metre in Psalm 1. *Vetus testamentum*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 42–49, 1967.

sobre tomar a forma do mundo (Rm 12.1-2). Esta atitude do homem bem-aventurado encerra o ciclo de negativas acerca do que ele não faz.

Há ainda uma ligação dupla que pode ser vista desta expressão (“assento dos escarnecedores”) com o salmo 2, pois o salmo 2 inicia falando dos “povos murmurando coisas vãs” (Sl 2.1), “conspirando contra Yahweh” (Sl 2.2), mas ao mesmo tempo, mostra um contraste, pois a zombaria dos ímpios é rebaixada e tratada como insignificante diante daquele que verdadeiramente reina; o salmo 2 também aponta para o Senhor “rindo e escarnecendo, zombando deles” (Sl 2.4), trazendo a ideia de ironia; mesmo que os escarnecedores se ajuntem e causem muitos danos, eles não atingem aquele que se assenta no trono e julgará os escarnecedores.

2.2.3 O prazer da Lei

O versículo 2 inicia com uma “dobradiça”, marcada pela conjunção “porém” (“כִּי אֲנִי”). Ela marca o contraste, pois, se até aqui o salmista fala do que o homem bem-aventurado não faz, agora faz um *paralelo de contraste*, abordando o que ele faz. E o que ele faz, tem relação com a Torá de Yahweh (תּוֹרַת יְהוָה).

Esta é uma expressão bastante discutida, pois alguns tentam relacionar a Torá com o próprio Saltério. Como se o Saltério fosse uma “versão” da Torá.

Sobre isso há algumas teorias, Willgren argumenta que a Torá referida não é o Saltério, mas a Torá Mosaica⁴²; Harman fala sobre a Torá como “a plenitude do ensino de Deus para seus filhos”⁴³; Calvino considera que o salmista tinha em vista todos os escritos inspirados, mas que tinham por base o Pentateuco⁴⁴; Lussier⁴⁵ e Jones⁴⁶ falam sobre a ligação com “Moisés e a Lei”.

Entendemos que o salmo se refere ao Pentateuco, pois diríamos que é o nascedouro da revelação e de onde os salmistas tiravam os parâmetros para lamentos, sabedoria, louvor, súplicas, a Aliança e a própria esperança messiânica; isso é visto em diversas referências diretas e indiretas à lei e às narrativas do Pentateuco. Nesta

⁴² WILLGREN, D. Why Psalms 1-2 Are Not to Be Considered a Preface to the “Book” of Psalms. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, [s. l.], v. 130, n. 3, p. 384–397, 2018. DOI 10.1515/zaw-2018-3005.

⁴³ HARMAN, p. 77.

⁴⁴ CALVINO, pp. 44-45.

⁴⁵ LUSSIER, E. The New Latin Psalter: an exegetical commentary I Psalms 1 and 2. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 226–234, 1947.

⁴⁶ JONES, S. C. Psalm 1 and the Hermeneutics of Torah. *Biblica*, [s. l.], v. 97, n. 4, p. 537–551, 2016.

direção, Lefebvre comenta que a ideia da Torá na introdução tem relação com a esperança da aliança para os judeus do pós-exílio.⁴⁷

Assim, a própria expressão do salmista corrobora para a ideia de Pentateuco. Sendo uma fala um tanto comum entre os salmistas, sobre o prazer e meditar na lei (Sl 19.7-10; Sl 119.97), ela é um eco da fala em Josué, que ordena o “meditar no Livro da Lei dia e noite”, para que o “caminho seja próspero” (Js 1.8); alguns estudiosos concordam com esta ideia⁴⁸.

Há ainda o paralelo contrastante com o salmo 2, pois enquanto o homem bem-aventurado tem prazer e medita (מִשְׁכָּחֵם) na Lei de Deus, o ímpio medita em vaidades (Sl 2.1). A ideia de meditar é a de falar baixo, “murmurar”, como alguém que a recita a Lei de Deus.

2.2.4 *O justo e o ímpio*

Este é um ponto crucial no salmo, em que podemos observar “a diferença entre o justo e os ímpios” (vv.3-4). O verbo (מִשְׁכָּחֵם) traz uma transição sobre a divisão anterior, apesar do sujeito permanecer o mesmo (o homem bem-aventurado); a mudança fala agora de como “é” este homem e não mais o que ele “faz” ou “não faz”; e isto é bem definido com o tempo perfeito dos verbos anteriores⁴⁹.

Outro detalhe é a introdução da figura da árvore junto às águas. Há uma sequência nesta figura; primeiro ele fala de uma árvore plantada junto às correntes de águas, e a partir daí ele lista quais são as consequências na “vida da árvore”: (1) Dá o fruto no tempo certo; (2) Permanece com folhagem viçosa; (3) Prospera em tudo o que faz.

Falar de árvore plantada junto à corrente de águas não é incomum na Escritura. A primeira menção está na Criação, quando Deus planta um jardim no Éden e faz brotar árvores, além da árvore da vida e a do conhecimento do bem e do mal, e elas

⁴⁷ LEFEBVRE, M. “On His Law He Meditates”: What Is Psalm 1 Introducing? *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 439–450, 2016.

⁴⁸ Jones, Bullough e Bosma.

⁴⁹ No versículo 3, a Guenizá do Cairo omite a conjunção וְאֵשֶׁת; esta omissão também não traz dificuldades, já que a conjunção pode ser considerada implícita e não mexe nas conjunturas de subordinações, pois o sufixo “seu” ajuda neste papel de apontar esta subordinação. Ainda no versículo 3, há uma nota que chama atenção do trecho traduzido por “e tudo quanto ele faz prosperará” para Josué 1.8, que de fato traz uma similaridade comentada no tópico 1.2, Josué fala “farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”, com relação a “meditar dia e noite no livro da lei”.

são regadas por um rio (Gn 2.8-10). Esta figura parece um tanto longe da ideia do salmista, mas a argumentação de similaridade tem relação com a Teologia Bíblica; na perspectiva de que o Éden funciona como uma espécie de Templo, local em que a lei era guardada e ensinada, de onde Deus proferia o seu julgamento.

Creach, por exemplo, tenta demonstrar a similaridade do verso 3 com os textos do Salmo 52.8 (“sou como oliveira verdejante na casa de Deus”), 92.12-15 (“o justo plantado na Casa do Senhor florescendo como palmeira, nos átrios, dando frutos), pois ele pensa na ideia do justo plantado em solo sagrado, e é nesta perspectiva que ele compara a Torá com o Templo. Ele continua e afirma que o exílio pode ter sido determinante para cristalizar a Torá no papel de “substituir” o Templo.⁵⁰ Ainda nesta perspectiva, Creach⁵¹ fala do salmo 46, pois aborda um rio ligado ao Santuário.

Mas restam três citações importantes, que são discutidas por alguns estudiosos (como Tuell⁵² e Creach⁵³): a primeira delas, Apocalipse 22.1-2, traz o rio da água da vida saindo do trono de Deus e do Cordeiro; a segunda, Ezequiel 47.12, um texto similar ao de Apocalipse e usado por João. Ezequiel traz a figura, mas as águas saem do santuário, enquanto em João as águas saem do trono.

A terceira citação, e a que julgamos mais próxima, apesar de haver quem discorde⁵⁴, é a do profeta Jeremias (Jr 17.8); a expressão inicial é bastante parecida entre os dois textos, contendo apenas uma palavra a mais no salmo primeiro (פְּלִי, “canal, corrente”). O texto de Jeremias fala daquele que confia em Yahweh (Jr 17.7):

(Jeremias 17.8) וְהָיָה כְּעֵץ שֶׁצִּיץ עַל-מַיִם

Ele é como árvore plantada sobre as águas

(Salmo 1.3) וְהָיָה כְּעֵץ שֶׁצִּיץ עַל-פְּלִי מַיִם

Ele é como árvore plantada sobre as **correntes** de águas

O restante do texto do profeta Jeremias também é similar e fala de folhagem ficando verde mesmo no calor, e dando fruto em todo tempo (Jr 17.8). Este é um dos

⁵⁰ CREACH, pp. 34-46.

⁵¹ Ibid.

⁵² TUELL, pp. 278–280.

⁵³ CREACH, pp. 34–46.

⁵⁴ CREACH, pp. 34–46.

motivos, por exemplo, de se discutirem o período histórico do salmo, devido à consideração de Jeremias ter feito uma paráfrase do salmo⁵⁵.

Prosseguindo, é muito interessante entender esta figura, pois o salmista compara uma árvore frutífera, vigorosa e próspera, com um homem que se alimenta de dia e de noite da Torá de Yahweh. Estes frutificam do modo como o Senhor Jesus disse na Parábola do Semeador, trazendo também figura semelhante, pois os que são plantados em boa terra, são os que se apegam à Palavra de Deus (Mc 4.1-25), e Cristo como sendo a Palavra de Deus, é aquele que nos faz frutificar; somente ligado a ele é possível dar frutos (Jo 15.5).

Estes prosperam, não porque a diligência na meditação da lei de Deus traga prosperidade financeira, mas a ideia é similar à de Josué 1.8 (“farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”); assim como “andar” e “caminho” figuram a vida, a “prosperidade” também segue esta figura, de uma vida aprovada e contente em Deus.

É importante destacar que o salmista *omite* a questão de fruto e prosperidade do ímpio neste ponto do contraste. Pois ele não compara o ímpio com uma árvore, mesmo que seca ou em local sem água, ele compara com a palha lançada pelo vento; tornando impossível a questão do fruto, sendo por si mesma murcha, sem possibilidade de qualquer benefício.

Este é o ponto central de contraste do salmo; aqui o quiasmo que demonstraremos faz a “virada”. O contraste com o verso anterior é evidenciado tanto pelo verbo “ser” (הָיָה), que está implícito, e a evidência da presença dele em contraste com o verso anterior é a conjunção “não assim” (לֹא-כֵן). Logo, o papel desta conjunção é trazer ênfase para o contraste, já que a ausência dela não prejudicaria o sentido. A figura da árvore frondosa sendo contrastada com a palha seca encerra a estrutura do contraste.

Esta figura da palha levada pelo vento é “curiosa” na escritura. Todas as referências ao termo “palha” (קָבֵץ) se referem à mesma imagem; algo levado pelo vento, sem rumo certo, como expressão do juízo de Deus⁵⁶. Bullough destaca a similaridade com o salmo 35.⁵⁷, porém, três razões nos levam a não buscar relações diretas na Escritura: a primeira, por conta da unidade e quantidade de ocorrências similares; a segunda, não temos como confirmar a autoria davídica do salmo primeiro para

⁵⁵ KEIL e SPENCE-JONES.

⁵⁶ Todas as ocorrências são similares (Jó 21.18; Sl 1.4, 35.5; Is 17.13, 29.5, 41.15; Os 13.3; Sf 2.2).

⁵⁷ BULLOUGH, pp. 42–49.

relacionar seu uso no salmo 35; e a terceira, por entendermos que a figura é genérica, não cabendo estas relações, a não ser que haja mais elementos que justifiquem a comparação.

A omissão de características consequentes na vida dos ímpios também é interessante, pois enquanto o homem bem-aventurado (1) dá frutos no tempo certo, (2) não caem as folhas, e (3) prospera em tudo o que faz, o salmista se resume a falar dos ímpios como “levados pelo vento”, nisso enxergamos um recurso retórico forte, que leva o ouvinte a esperar algo mais, e não ter; assim como não podemos esperar nada de proveitoso da palha ao vento, não esperamos nada de frutos dos ímpios.

2.2.5 O veredito

O versículo 5 abre o último bloco do salmo, em que percebemos “o fim dos ímpios e dos justos” (vv.5-6). E a ordem *ímpios-justos* tem relação com a ordem encontrada no salmo; o versículo 5 traz os ímpios como centrais, concluindo o que acontece com eles, e da mesma forma o versículo 6 enfatiza os justos.

O trecho (v.5) começa com a conjunção (עַל־כֵּן), que marca o início de uma conclusão, mas ao mesmo tempo relaciona ao que foi dito sobre o estado dos ímpios. E neste versículo há três detalhes importantes a se considerar: (1) o levantar dos ímpios no julgamento; (2) o julgamento; (3) o plural dos justos.

Assim, a afirmação de os ímpios não se levantarem (לֹא־יִקְמְדוּ) traz uma questão direta com o contraponto do quiasmo, pois como já mostrado em “D”, os ímpios não encontrarão espaço para justificativas, permanecerão calados e certamente serão condenados.

Mas uma pergunta é levantada: sobre qual julgamento (מִיִּשְׁפָּט) o texto se refere? Seria a um juízo temporal, ou ao Dia do Senhor? Certamente o texto se refere ao juízo final, quando o Senhor virá com juízo sobre os ímpios. E além da posição de estudiosos do texto que pensam nesta direção⁵⁸, temos elementos diretos que apontam para isso: primeiro, o imperfeito do verbo *levantar* é melhor traduzido no futuro, já que não havia um julgamento corrente dos ímpios; e segundo, a ligação com o salmo 2, que fala do ungido que virá para derramar ira sobre os rebeldes (Sl 2.12).

⁵⁸ Lussier (pp.226-234), Wiersbe, Harman (p.23), Calvino (p.48).

A figura discutida em E' (“palha que dispersa o vento”) é propícia para o estado descrito como consequência⁵⁹. A palha é levada pelo vento, não consegue ter permanência, nem manter-se de pé como uma árvore frutífera junto às águas. Seu final é instável e desastroso, sem autocontrole, mas será dirigido para juízo por aquele que controla o vento.

Apesar de não iniciar com uma negação, o termo traduzido por “nem” está implícito de D', evidenciado pela conjunção “waw” (ו), assim como “levantarão” também é implícito (לֹא יִקְמוּ), já que C' é uma oração coordenada sindética com D'. A alternância dos termos no salmo para designar os ímpios tem força retórica e poética, e nem sempre de especificação de tipos de pecados (como no caso do “assento de escarnecedores”). Uma prova disso é a utilização intercambiada entre os termos “ímpios” (רְשָׁעִים) e “pecadores” (חַטָּאִים) durante o salmo; outra razão é o citar “caminho dos pecadores” (דֶּרֶךְ חַטָּאִים) e “caminho dos ímpios” (דֶּרֶךְ רְשָׁעִים).

Neste ponto do salmo ocorre também algo importante, a mudança do “homem” (אִישׁ) para “assembleia dos justos” (צְדִיקִים אֲשֶׁר עָמְדוּ)⁶⁰. O salmista encerra com a perspectiva coletiva do povo de Deus, que diferente do pensamento de Calvino, que vislumbra a reunião final dos justos⁶¹, nos parece apontar para a Assembleia solene do povo de Deus.

Nesta direção, Lefebvre fala da assembleia dos justos como a reunião diante do templo de Yahweh⁶², e é o que encontramos na análise do uso no livro dos salmos. Todas as vezes que o termo é usado no livro dos salmos para falar dos justos, ele se refere à reunião do povo de Deus, não de maneira escatológica, mas presente (Sl 74.2, 82.1, 111.1), e ainda, majoritariamente é utilizado no Pentateuco com a mesma ideia.

Há ainda uma visão defendida por Spence-Jones, que destaca o fato dos ímpios até se misturarem na congregação dos justos, mas não permanecerem de pé⁶³.

⁵⁹ No versículo 4 a Septuaginta repete enfaticamente o “Não são assim” logo após “os ímpios”, a ênfase também não traz alterações ao sentido do texto, que permanece. Ainda neste versículo, a Septuaginta adiciona após “dispersa o vento” a parte “da face da terra”, o que apesar de não trazer alterações no sentido, parece também uma ênfase, assim como a anterior, ao que acontece com os ímpios.

⁶⁰ No versículo 5, a septuaginta não usa o termo “Congregação”, mas usa o mesmo do versículo 1, “Conselho”, que podem ser vistos como sinônimos, para o versículo 6, algo que não traz relevante alteração para o sentido do texto, mas que ao mesmo tempo traz uma importante contribuição acerca do que significa o “conselho” dos ímpios, apontando para a direção de uma congregação de ímpios.

⁶¹ CALVINO, p. 48.

⁶² LEFEBVRE, pp. 439–450.

⁶³ SPENCE-JONES, H. D. M. (org.). Ibid.

Mas esta ideia também encontra problemas nas próximas duas orações subordinadas, pois é lá que o salmista justifica o porquê dos ímpios não se levantarem na assembleia dos justos; a resposta que será detalhada é por causa do amor de Deus pelo caminho dos justos, e o como a assembleia dos justos em seu caminho se desvia do caminho dos ímpios; a verdadeira assembleia dos justos é bem-aventurada, bebe das fontes da Lei de Yahweh, é amada por Deus e se desvia do trajeto dos ímpios.

3. O DESVIO DA CONGREGAÇÃO DOS JUSTOS

Há um entendimento tradicional do fim do salmo que despertou nosso interesse, principalmente pelo fato deste fim trazer uma dificuldade de tradução que afeta a intenção central do salmista.

A última expressão do salmo é normalmente traduzida por “o caminho dos ímpios perecerá” (A’), e ela é norteadora pois faz a “costura final” da ideia do salmista. Além das traduções optarem por essa tradução, diversos comentaristas comentam isso de modo um tanto cristalizado; boa parte sem discutir qualquer proposta de tradução ou mesmo sem estranhar a construção desta conclusão, tanto no que diz respeito ao significado dela, quanto à semântica dela dentro do salmo.

Mencionamos alguns desses pensamentos: Van Groningen fala em “perecer nos caminhos”⁶⁴, Cole diz que há uma promessa de destruição dos ímpios⁶⁵, Lefebvre fala do fim do domínio do ímpio⁶⁶, Calvino fala de Deus visitando com destruição⁶⁷, Kidner aborda o fato dos caminhos se separarem para sempre⁶⁸.

E apesar desta ideia ser predominante, nós levantamos algumas questões sobre a tradução desta última sentença do salmo:

1. Quem é o sujeito desta oração? Por que não é Yahweh o agente que faz perecer os ímpios?
2. Considerando que o verbo “perecer” está na 3ª pessoa do feminino singular e “caminho dos ímpios” está no gênero neutro, há outra opção possível de sujeito feminino?

⁶⁴ GRONINGEN, p. 219.

⁶⁵ COLE, pp. 75–88.

⁶⁶ LEFEBVRE, pp. 439–450.

⁶⁷ CALVINO, p. 49.

⁶⁸ KIDNER, Derek. Salmos 1-72, 2ª reimpressão. São Paulo: Vida Nova, 1992. p.65

3. Tendo “caminho” como substantivo muito utilizado no salmo, por que a opção de tradução “desviar/extraviar/sair do caminho” para o verbo “perecer” não é usada pelos tradutores do texto hebraico?
4. Por que o autor falaria de caminho perecer e não do ímpio perecer diante de toda a conjuntura do salmo?

Com essas questões em mente, observando como o autor chega a esta parte final: após falar do veredito para os ímpios (vv.4-5), o último versículo do salmo (v.6) inicia com uma conjunção (וְ) que tem dois papéis: gera uma subordinação (composta de duas orações ligadas pela partícula waw – A’ e B’), e faz a ligação do v.6 com o C’ (“nem os pecadores na assembleia dos justos”), conforme esquema abaixo.

D’ 5 Por isso, não se levantarão os ímpios no julgamento
 C’ os pecadores não [se levantarão] na **assembleia dos justos**.
Pois
 B’ └─▶ Yahweh conhece o caminho dos justos
 A’ └─▶ e do caminho dos ímpios **ela se desviará**.

Esta é a primeira vez que Yahweh figura como sujeito no salmo; no v.2 ele está no construto “Torá de Yahweh”, em que o sujeito é “o homem justo”; e aqui, Yahweh é apontado não como agente no juízo (D’), mas como aquele que “conhece o caminho dos justos” (B’).

Daí, o verbo “conhecer” (יָדַעַ) não pode ser visto como “saber sobre”, ou “estar informado”, pois, na sua onisciência, Deus também “conhece” o caminho dos ímpios. Também não nos parece ser no sentido de “proteção”, como afirma Craigie⁶⁹, mas entendemos que o verbo está relacionado ao prazer, deleite, amor. Kidner fala sobre “preocupar-se ou identificar-se”⁷⁰.

Assim, se o homem bem-aventurado tem prazer na Torá de Yahweh (v.2), Yahweh tem prazer no caminho dos justos, se relacionando como o Deus da Aliança; a indicação do verbo conhecer na Escritura aponta para relacionamento, intimidade⁷¹,

⁶⁹ CRAIGIE, Peter C. Ibid.

⁷⁰ KIDNER, p.64.

⁷¹ Diversos textos na escritura podem demonstrar isso: Gn 18.19 (O verbo traduzido por escolhi é o verbo conhecer); 19.8 (Os homens de Sodoma queriam ter relação íntima com os anjos); Mt 1.25 (Fala da relação íntima entre Maria e José); Rm 8.29 (Aborda conhecimento como o amor eterno de Deus).

e é nesta direção que entendemos o conhecimento de Deus acerca do caminho dos justos.

Já o caminho dos justos, de acordo com a primeira metade do salmo (vv.1-3), é também o caminho trilhado pela congregação dos justos. No caminho dos justos há o relacionamento de Yahweh com seu povo, este é o primeiro motivo pelo qual os pecadores não se levantarão na congregação dos justos.

Neste ponto do salmo temos um ponto chave, determinante para a nossa tese de tradução, estrutura e direção do salmo. E é observando para a tradução comum, que entendemos ser estranha a construção da expressão que significa “caminho perecer”.

Pensar em caminho perecer nos parece estranho, pois o autor fala do “ímpio que é espalhado como a palha pelo vento” (E’), e conclui sem nada diretamente acontecendo com o ímpio, ou mesmo sem Yahweh ser o causador desta derrocada.

Gonzaga⁷² chega a comentar que o salmo tem um final inesperado, em que Yahweh não é o agente punidor dos ímpios, porém ele também entende o fato de “o caminho perecer”. A dificuldade de entendimento da expressão também é levantada por Arbez⁷³; ele não cita detalhes gramaticais do verbo “perecer”, mas percebe uma possível necessidade de revisão do sujeito; porém, segundo ele, a sugestão de pôr Yahweh como sujeito forçaria o texto, como ele mesmo conjectura, volta atrás e conclui, se conformando com a tradução mais corrente.

Conforme também aponta Bullough⁷⁴, a expressão mais similar que encontramos talvez esteja no salmo 112.10 (“o desejo dos perversos perecerá”); e neste, o sujeito (Desejo) concorda com o verbo, que também está no feminino (perecerá), porém, o sentido do próprio verbo não é tão similar.

Diante do problema, a tentativa mais próxima que encontramos diante da dificuldade de entendimento deste final foi sugerida por Lack; ele traduz o verbo perecer por “se perder”, argumentando que “o caminho dos ímpios se perde, após fazer perder aqueles que tinham o costume de tomá-lo”⁷⁵. Contudo, a visão do caminho como um agente reflexivo, que se perde, não nos parece fazer jus à ideia do salmo.

⁷² GONZAGA, W.; SANTOS, A. M. dos. Salmo 1: o portão de entrada para se meditar sobre o caminho dos justos e dos ímpios. *Teocomunicação*, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 1–17, 2020. DOI 10.15448/0103-314x.2020.2.39479.

⁷³ ARBEZ, E. P. A study of Psalm 1. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 398–404, 1945.

⁷⁴ BULLOUGH, p. 42–49.

⁷⁵ LACK, R. Le Psaume 1: une analyse structurale. *Biblica*, [s. l.], v. 57, n. 2, p. 154–167, 1976.

Assim, propomos uma tradução diferente para a última oração do salmo: “**e do caminho dos ímpios ela se desviará**” (A’). Baseamos esta tese de tradução com pelo menos sete argumentos, que se seguem:

Primeiro, o verbo que geralmente é traduzido por “perecer” (פָּנָה), está na 3ª pessoa do feminino no singular, e “caminho” está no *comum*, também no singular. Apesar de ser uma possibilidade de concordância e tradução, apresentamos outra possibilidade que concorda com o gênero, que seria a ligação com o substantivo “assembleia” (בְּעֵדָה), em C’, que também está no feminino. Talvez o fato de a Septuaginta dos Salmos trazer “caminho” (ὁδός) como substantivo feminino, tenha ajudado a não haver um levantamento mais substancial sobre a questão.

Segundo, a oração principal que contém a “assembleia dos justos” (C’) rege as duas orações subsequentes (B’ e A’); elas são subordinadas de acordo com as conjunções “ki” (כִּי) em B’, que inicia a subordinação, e “waw” (וַ) em A’, que agrupa as duas orações como subordinadas, trazendo a possibilidade de ligação da “assembleia” como sujeito de “perecer” (פָּנָה).

Terceiro argumento, todas as ocorrências do verbo traduzido por “perecerá” na 3ª pessoa do feminino singular, concordam em gênero e número com o sujeito: (1) Deuteronômio 22.3 fala de “coisa” (F) se perder; (2) Jó 8.13 fala de “esperança” (F) perecer; (3) Salmo 9.18 fala da “esperança”(F) se frustrar; (4) Salmo 112.10 fala do desejo (F) perecer; (5) Provérbios 10.28 e (6) 11.7 também falam da esperança (F) perecer; (7) Jeremias 18.18 fala da lei (F) faltar; e, por fim, Ezequiel 7.26 fala da lei (F) perecer.

Quarto, o salmo 2, que é claramente relacionado ao salmo primeiro, não usa o caminho como sujeito do mesmo verbo. Lá, o sujeito é retirado de acordo com a concordância de gênero (M) e número (P), aliado à questão de subordinação, entre os versos 10 e 12, que fala de “Reis e juízes”.

Agora, pois, **ó reis**, sede prudentes,
Deixai-vos advertir, **juízes** da terra
↳ Servi ao SENHOR com temor
↳ E alegrai-vos nele com tremor
↳ Beijai o Filho para que não
↳ Se irrite
↳ E **pereçais** no caminho

Quinto, durante todo o salmo, a figura usada como sujeito das orações não é abstrata como o “caminho dos ímpios”, mas é pessoal: homem (vv.1-3), ímpios (vv.4-5), pecadores (v.5), Yahweh (v.6), e, em nossa proposta, a Assembleia dos justos, que é uma referência aos justos que se desviam dos ímpios (v.6). E mesmo quando a árvore é usada como comparação, o salmista fala do homem como quem frutifica e prospera, e não a árvore (v.3).

Sexto, o verbo em questão (פָּרַט) pode significar “perecer, desviar, se perder, extraviar, sair da rota, dentre outros”, permitindo uma tradução mais próxima do próprio sentido de caminho: “desviar, sair da rota”. Segundo Koehler, perecer figura na terceira opção de tradução⁷⁶, enquanto “se perder” aparece como primeira opção de tradução, no qual ele mesmo cita o salmo 1 como exemplo de uso. Isso corroboraria com a ideia do salmo 2.12, que segundo Holladay⁷⁷ é de “perder o rumo” e não de “perecer”. Assim, os dois salmos teriam a mesma ideia sobre o mesmo verbo, a de desviar de um caminho, sair da rota. É necessário ressaltar que um estudo mais aprofundado acerca da utilização do termo (פָּרַט) na Escritura e manuscritos antigos, pois há uma indicação de utilização negativa do termo, apesar de não ser uma questão determinante, pois o poeta poderia se utilizar do mesmo e fazer uma adaptação localizada. O termo correlato usado pela Septuaginta dos Salmos também é referido no Novo Testamento (Mt 10.39) e é usado em dois contextos simultâneos (positivo e negativo), como a nossa proposta aponta para os dois salmos (Sl 1.6 e 2.12).

Concluindo, nosso sétimo argumento está na estrutura do quiasmo mostrado acima; a proposta de tradução nos parece revelar uma estrutura quiasmática completa do salmo, como mostramos acima no *Texto e tradução* (2.1). Esta estrutura explica o fim inesperado e de difícil compreensão, além de demonstrar o sentido amplo do salmo: “A congregação dos Justos prospera por estar arraigada ao rio da Lei, por isso, ela se desvia dos caminhos infrutíferos dos ímpios”.

⁷⁶ KOEHLER, Ludwig et al. The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament. Leiden: E.J. Brill, 1994–2000. pp. 2–3.

⁷⁷ HOLLADAY, William. Léxico hebraico e aramaico do antigo testamento (São Paulo: Vida Nova, 2010). p.1.

CONCLUSÃO

Após o estudo do salmo primeiro, nós concluimos que o autor traz uma palavra de contrastes entre a congregação dos justos e a congregação dos ímpios; mostrando a essência efêmera e tortuosa dos ímpios, e o caráter duradouro e ligado ao próprio Deus da aliança quanto aos justos. Além disso, separamos dez detalhes importantes que merecem destaque:

Primeiro, nosso salmo exerce um papel importante na abertura do Saltério, pois aponta para o dever da congregação dos justos em amar a Lei de Yahweh, e mostra que há bênçãos reais e duradouras para o povo que Deus conhece e se relaciona pela sua Aliança.

Segundo, o salmo primeiro tem uma conexão com o salmo 2 vista em alguns versículos, porém, o segundo salmo amplia, trazendo a esperança messiânica para os justos, e desenvolvendo o caráter da condenação para os ímpios, que é iniciada no salmo primeiro.

Terceiro, o profeta Jeremias (Jr 17.5-8) faz uma citação direta do salmo, continuando com uma paráfrase, o que localiza o salmo muito anterior ao período dos Macabeus, como alguns tentam fazer.

Quarto, os verbos negativados no versículo 1 estão no tempo perfeito, e este tempo nestes verbos não indica que o justo jamais tenha pecado, mas indicam a maturidade e constância espiritual nos caminhos da vida do bem-aventurado.

Quinto, a Torá sendo mencionada é muito importante e não se refere ao próprio Saltério como uma espécie de Torá, mas se refere ao próprio Pentateuco, dado por Moisés, mas que é a Torá de Yahweh; esta é a base para a vida do povo de Deus, como fonte de águas para uma árvore frondosa.

Sexto, o salmo traz uma das primeiras referências bíblicas a um dia de Juízo final para os ímpios (v.5), esta ideia é complementada com o juízo e ira que serão deferidos pelo Messias.

Sétimo, o povo de Deus não está sozinho. A crescente do salmista em mostrar um homem no singular lutando contra as tentações e não acolhendo à vida e reunião dos ímpios ao redor, e terminando em uma congregação de justos, mostra que o povo de Deus, apesar de ser minoria, é uma forte assembleia, amada pelo Senhor, que a conhece e tem prazer, e que à uma se desvia do caminho dos ímpios.

Oitavo, o quiasmo do salmo completo se dá quando propomos uma tradução diferente para o termo normalmente traduzido por “perecer”. Sendo este um termo que não encaixa bem com “caminho dos ímpios” (já que se espera ímpios perecendo, ou mesmo Yahweh fazendo-os perecer), um auto perecimento do caminho soa estranho para um Deus que fará um julgamento (v.5). Assim, a nossa proposta de tradução é que a “assembleia dos justos se desviará do caminho dos ímpios”, contrapondo no quiasmo a primeira expressão do salmo, “o homem bem-aventurado não anda segundo o conselho dos ímpios”.

Nono, Deus se relaciona em amor com os justos (v.6). Já que Yahweh também conhece o caminho dos ímpios, conhecer o caminho dos justos não pode significar um mero saber sobre, mas conforme um uso comum no AT, tem relação com amor, intimidade, relacionamento, cuidado.

Décimo, os pecadores não se levantarão na congregação dos justos por dois motivos: primeiro, porque Yahweh se relaciona com os justos, e eles não podem se levantar diante de Yahweh; segundo, porque a própria Congregação dos justos, por beber amorosamente da fonte da Lei de Yahweh, é firme o suficiente para encontrar os parâmetros necessários a se desviar do caminho tortuosos dos ímpios.

REFERÊNCIAS

APPLE, R. The happy man of Psalm 1. *Jewish Bible Quarterly*, [s. l.], v. 40, n. 3, p. 179–182, 2012.

ARBEZ, E. P. A study of Psalm 1. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 398–404, 1945.

AUGUSTINE of Hippo. 1888. Expositions on the Book of Psalms. In Philip Schaff (org.), trans. A. Cleveland Coxe, *Saint Augustin: Expositions on the Book of Psalms*, vol. 8, 1–2. (A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series). New York: Christian Literature Company.

BOSMA, C. J. Discerning the voices in the Psalms: a discussion of two problems in psalmic interpretation Part 2. *Calvin Theological Journal*, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 127–170, 2009.

BOYCE, James M. *Psalms: an expositional commentary*. Vol. 1. Grand Rapids, MI: Baker, 1994. p. 355.

- BROWN, M. L. (2011). יָשָׁע. In W. A. VanGemeren (Org.), *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (1ª edição, Vol. 1, p. 555). Editora Cultura Cristã.
- BROWNLEE, W. H. Psalms 1-2 as a coronation liturgy. *Biblica*, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 321–336, 1971.
- BULLOUGH, S. Question of metre in Psalm 1. *Vetus testamentum*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 42–49, 1967.
- CALVINO, J. Salmos. V.1. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: FIEL, 2012. pp. 44-45.
- CARLSON, A. Psaltarens prolog i Ps 1-2. *Svensk exegetisk årsbok*, [s. l.], v. 65, p. 115–121, 2000.
- COLE, R. L. An integrated reading of Psalms 1 and 2. *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 75–88, 2002.
- CRAIGIE, Peter C. 1983. *Psalms 1-50*. Vol. 19. (Word Biblical Commentary). Dallas: Word, Incorporated.
- CREACH, J. F. D. Like a Tree Planted by the Temple Stream: The Portrait of the Righteous in Psalm 1:3. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 34–46, 1999.
- GONZAGA, W.; SANTOS, A. M. dos. Salmo 1: o portão de entrada para se meditar sobre o caminho dos justos e dos ímpios. *Teocomunicação*, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 1–17, 2020. DOI 10.15448/0103-314x.2020.2.39479.
- GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador*. Volume 3. Cultura Cristã: São Paulo, 2008. p. 202.
- HARMAN, A. *Salmos*. São Paulo: 2011, Editora Cultura Cristã. p. 23.
- HOLLADAY, William. *Léxico hebraico e aramaico do antigo testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2010). p.1.
- JONES, S. C. Psalm 1 and the Hermeneutics of Torah. *Biblica*, [s. l.], v. 97, n. 4, p. 537–551, 2016.
- KEIL, Carl Friedrich & Franz Delitzsch. 1996. *Commentary on the Old Testament*. . Vol. 5. Peabody, MA: Hendrickson.
- KIDNER, Derek. *Salmos 1-72*, 2ª reimpressão. São Paulo: Vida Nova, 1992. p.65
- KOEHLER, Ludwig et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Leiden: E.J. Brill, 1994–2000. pp. 2–3.
- LACK, R. Le Psaume 1: une analyse structurale. *Biblica*, [s. l.], v. 57, n. 2, p. 154–167, 1976.

LEFEBVRE, M. "On His Law He Meditates": What Is Psalm 1 Introducing? *Journal for the Study of the Old Testament*, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 439–450, 2016.

LUSSIER, E. The New Latin Psalter: an exegetical commentary I Psalms 1 and 2. *The Catholic Biblical Quarterly*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 226–234, 1947.

SPENCE-JONES, H. D. M. (org.). 1909. *Psalms. Vol. 1. (The Pulpit Commentary)*. London; New York: Funk & Wagnalls Company.

TUELL, S. S. Psalm 1. Interpretation, [s. l.], v. 63, n. 3, p. 278–280, 2009.

WHITAKER, R., BROWN, F., DRIVER, S. R. (Samuel R., & Briggs, C. A. (Charles A. (1906). In *The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament: from A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament by Francis Brown, S.R. Driver and Charles Briggs, based on the lexicon of Wilhelm Gesenius*. Houghton, Mifflin and Company.

WIERSBE, Warren W. 1993. *Wiersbe's Expository Outlines on the Old Testament*. Wheaton, IL: Victor Books.

WILLGREN, D. Why Psalms 1-2 Are Not to Be Considered a Preface to the "Book" of Psalms. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, [s. l.], v. 130, n. 3, p. 384–397, 2018. DOI 10.1515/zaw-2018-3005.

WILSON, Gerald H. 2002. *Psalms. Vol. 1. (The NIV Application Commentary)*. Grand Rapids, MI: Zondervan.